



A ARTE ESCAPISTA EM CLARICE LISPECTOR: UMA ANÁLISE SOBRE "ÁGUA VIVA" E A REPRESENTAÇÃO DA ARTE

*Maria Júlia Neves Oliveira Braga**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

ORCID: 0009-0001-3459-8077

*Autor correspondente (e-mail: bragamariajulia4@gmail.com)

1. Apresentação da obra e da autora

Clarice Lispector foi uma importante escritora e jornalista naturalizada brasileira, nascida na Ucrânia em 10 dezembro de 1920. A autora veio refugiada em 1922 ao Brasil, devido à perseguição aos judeus na Europa. Passou grande parte de sua adolescência em Recife e se mudou para o Rio de Janeiro aos 14 anos. Teve seu primeiro romance publicado em 1944 ("Perto do Coração Selvagem") e conta com diversos clássicos em sua bibliografia, como "Laços de Família" (1960), "A Paixão segundo G.H." (1964) e "A Hora da Estrela" (1977). Clarice se encontra na terceira geração modernista, sendo o destaque em suas obras as temáticas sobre a solidão, o sentimentalismo e a questão existencial, sobretudo do ponto de vista feminino. Veio a falecer um dia antes de seu aniversário, em 1977, aos 56 anos, deixando um grande legado às gerações futuras.

"Água Viva" é uma novela publicada pela primeira vez em 1973, pela editora Artenova. Na obra, Clarice traz uma personagem não nomeada, que está envolta no mundo da arte. É um trabalho que traduz muito bem o estilo de escrita da autora, contando com a estrutura de grandes fluxos de consciência que trazem o pensamento da narradora, angustiada pela procura de uma forma de expressão que consiga capturar o agora, ou seja, o exato momento pelo qual está passando. No entanto, ela também reflete sobre suas outras tentativas frustradas de retratar o *it* (nome dado ao instante que está acontecendo) nas demais artes, como a música e a pintura. Dessa forma, a escrita se apresenta como um último recurso para aliviar a agonia de materializar o tempo real. Em meio à essa caça, o eu-lírico passa a analisar a função da arte em sua vida, em sua funcionalidade e sobre o modo que sua vida é moldada por ela, a ponto de que suas preocupações e ansiedades só conseguirem ter a possibilidade de serem aliviadas por meio da produção artística. Acredita-se que nesse trabalho, Clarice tenha trazido elementos autobiográficos para a sua construção, uma vez que a autora também produzia quadros – que vieram a ser as capas das novas edições das obras da autora, em comemoração ao seu centenário – e tinha uma relação muito forte com a música, também já exposta em outros livros, em especial a clássica.

2. A presença e o significado da arte em "Água Viva"

Ao longo do livro, a protagonista disserta sobre a sua dificuldade de identificar, entender e digerir seus próprios sentimentos. Com isso, a personagem passa a buscar conforto através das produções artísticas, seja pintando, escrevendo ou ouvindo música. Em algumas

passagens, é possível identificar certas concepções sobre a função da arte que se relacionam com as desenvolvidas por Aristóteles, Kant e Nietzsche.

Tendo em vista o pensamento de Aristóteles quanto à arte, entende-se que ela é uma maneira de investigação sobre o que nos afeta a partir da nossa sensibilidade (Aristóteles, 2011). Isto é, aqui se tem a produção artística como um instrumento da nossa afetação a objetos e estímulos presentes em sua composição. Na obra trabalhada, a narradora diz que, enquanto está escrevendo, na verdade, está se seguindo, o que deixa explícito que o escrever para ela é uma maneira que encontra para se compreender. Assim, nota-se que há no ato de escrever uma busca pelo reconhecimento do que está interferindo na personagem por meio da própria escrita.

Já nos estudos de Kant, a arte é resultado da vivência do próprio artista (Kant, 2017). Sendo assim, o objeto exposto é desprovido de sentido por si só, apenas ganhando significado com o conhecimento sobre a pessoa que o produziu e suas particularidades. Em uma das passagens iniciais do texto, Clarice escreve: “Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro.” (p. 8), expondo essa arte destituída de sentido próprio, que só se adquire posteriormente com determinada bagagem cultural.

Por último, Nietzsche acredita que arte e vida estão intrinsecamente ligadas e que o processo de produção artística não tem uma finalidade além da própria criação (Nietzsche, 2017). Em outro momento da obra, a personagem também diz: “Antes de mais nada, pinto pintura. E antes de mais nada te escrevo dura escritura.” (p. 10). Tal trecho ilustra perfeitamente a lógica do fazer arte pela arte, não tendo como preocupação principal a interpretação e significado que vem com ela, mas sim se preocupando com a construção e execução do produto em si.

3. A assimetria estética e vanguarda

Em seu texto intitulado “Estética e sociologia” (1998), o sociólogo alemão Georg Simmel dá uma definição para a estética sendo um conceito relacionado à simetria. Nesse caso, somos atraídos pelo o que achamos belo (estético) por não precisarmos gastar energia para compreendê-lo, ou seja, não precisamos nos forçar a organizar um pensamento elaborado sobre o que nos é apresentado. Portanto, algo considerado estético tende a agradar mais o público por sua facilidade de compreensão.

É possível correlacionar essa concepção sobre a estética com a existência de vanguardas artísticas, o que é elaborado no texto de Gilberto Velho, no capítulo “Vanguarda e Desvio”, presente no livro “Arte e Sociedade: Ensaio de Sociologia da Arte” (1977). O movimento de vanguarda está ligado à ideia de renovação e de rompimento com o tradicional, no Brasil, tendo como grande exemplo a primeira geração modernista de 1922. Pode-se concluir, então, que a vanguarda é de certa forma um grupo antiestético, uma vez que o clássico preza pelo belo, pela excelência técnica e padrão.

Trazendo esses conceitos para as obras da escritora, pode-se afirmar que Clarice Lispector é uma artista assimétrica e de vanguarda. A autora é justamente conhecida por seu jeito único de escrita, que diversas vezes foge da norma padrão da língua portuguesa. Sua rica bibliografia é tratada muitas vezes como difícil em razão de sua peculiaridade quanto à grafia e temática, classificando-a como antiestética – tanto que, por vezes, quando falamos de Clarice, o público tende a expressar certo desconforto devido ao difícil entendimento.

Especificamente em “Água Viva”, nota-se a presença de variados elementos característicos de obras vanguardistas que ao mesmo tempo são muito marcantes do próprio estilo de Clarice, sendo constantemente apontados como barreiras para alguns leitores em

função do incômodo que causam. A exemplo disso, temos a ausência de pontuação ou seu uso inadequado, o caráter psicológico que a narrativa carrega – tratando-se de um fluxo de pensamento, isto é, acompanhamos a formação de pensamentos da personagem –, a temática da solidão e a falta de entendimento sobre si. Em suma, a obra escolhida traduz muito bem os motivos pelos quais Clarice Lispector foi uma mulher que revolucionou a literatura brasileira com seu estilo criativo, rompendo com a tradição e formulando uma nova maneira de enxergar e produzir um material escrito.

4. O espaço privilegiado retratado

Contudo, não é possível separar o lugar de privilégios que a autora já ocupava na época e como isso se reflete na obra tratada. No capítulo supracitado, Gilberto Velho também disserta sobre a vanguarda, principalmente no âmbito da música, da época em que escreveu seu livro, em 1977. Nele, o autor fala sobre como a realidade do artista é espelhada na sua produção, não podendo ser um conjunto de elementos separados. No entanto, Velho não necessariamente aponta esse fator como negativo, pelo contrário, elabora um raciocínio de que, apesar da posição de favorecimento, sua obra não deveria ser desvalorizada. O autor também argumenta que esse grupo de artistas corriam os mesmos riscos de retaliação.

Apesar de Lispector já ter retratado personagens de origem pobre em diversos trabalhos seus, como no renomado “A Hora da Estrela” com a personagem nordestina Macabéa, é inegável que em sua grande maioria vemos pessoas de classe média alta sendo representadas em sua bibliografia, sendo esse o caso de “Água Viva”. É apresentada uma protagonista com acesso a aulas de pintura, estudo para produzir um texto e um vasto conhecimento musical, sobretudo de música clássica europeia. Todos esses fatores apontam para a vivência de um indivíduo cercado de oportunidades que a maioria não tem. Ademais, como dito anteriormente, a novela carrega um caráter autobiográfico, o que reforça a reflexão acerca de como o produto artístico sempre carregará e traduzirá algo de quem o produz. Todavia, a presença de todos esses fatores claramente não tira toda a genialidade que está aqui contida, o que também não os exime de análise para debate. A existência de privilégios não anula a inteligência presente na obra, assim como o contrário não acontece: ambos carregam sua importância e relevância na discussão.

5. Conclusão

Em suma, pode-se concluir que “Água Viva” revolucionou o cenário da literatura brasileira e continua reverberando até hoje, 51 anos após seu lançamento. Com uma narrativa extremamente pessoal e sensível, Lispector foi capaz de produzir uma obra que misturou diversos pensamentos sobre o que é a arte e qual a função que desempenha, tanto para o indivíduo quanto para o público que a consome. Para mais, acrescenta-se a sua genialidade ao aplicar estratégias linguísticas que causam desconforto proposital em seu leitor, algo que poucos autores podem dizer que fizeram com excelência como a autora. O legado de Clarice Lispector é imortal e, certamente, tocará as gerações seguintes assim como tocou as passadas e ainda o faz com a atual.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora EDIPRO, 2011.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Bolso, 2017.

SIMMEL, Georg. Estética e Sociologia. *In*: PESSOA, João. **Revista Política e Trabalho**, 1998.

VELHO, Gilberto. Vanguarda e desvio. *In*: _____. **Arte e Sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 30/04/2025
Aprovado em: 21/05/2025